



Prestes



Salomão Malina



João Amazonas

PT leva comunistas à trégua

PCB e PC do B se unem a Prestes para enfrentar Collor

A passagem do candidato do PT à Presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, para o segundo turno das eleições vai unir em torno da mesma campanha os principais grupos comunistas do país, que há 30 anos se dividiram e hoje defendem propostas aparentemente inconciliáveis. Na primeira etapa da eleição, o PC do B já integrava a Frente Brasil Popular, em apoio a Lula, enquanto o PCB lançou o candidato Roberto Freire, que ficou em oitavo lugar, com 769 mil votos. O veterano líder comunista Luís Carlos Prestes, afastado do PCB desde 1979, participou da campanha de Leonel Brizola, do PDT. Agora, representantes destes três segmentos estarão juntos pedindo votos para Lula, com o objetivo de derrotar Fernando Collor de Mello, do PRN.

Esta união em torno de Lula, entretanto, não significa o início de uma aproximação entre as diferentes correntes comunistas brasileiras, embora possa reunir, nos mesmos comícios, os presidentes do PCB, Salomão Malina, do PC do B, João Amazonas, e o próprio Prestes. "No segundo turno, o palanque ganha outra dimensão", resume Amazonas ao comentar a convergência de seus adversários em torno de Lula.

Independente Para o segundo turno das eleições, Prestes pretende atuar da mesma maneira que na campanha de Brizola: independente de partido. Indiferente ao PDT, Prestes montou seus próprios comitês, chamados Comitês Democráticos e Revolucionários Luís Carlos Prestes, que tinham até camisetas diferentes das demais, e organizou manifestações independentes. Para esta nova etapa, Prestes anuncia, em relação aos ex-camaradas: "Trata-se de um fato concreto, que é derrotar a direita de Collor. Eu vou trabalhar com o meu grupo e os meus amigos, independente dessa gente".

O presidente do PCB também não está preocupado com as diferenças ideológicas entre os partidos comunistas. Ele garante que seu partido vai participar efetivamente da campanha de Lula e, no ano que vem, pretende lançar candidatos ao governo em vários estados. "Não somos parte da Frente Brasil Popular, mas

vamos trabalhar sem criar problemas, porque este período não é para discutir questões mais profundas". O deputado Roberto Freire, que não conseguiu tantos votos mas ganhou a simpatia de muitos eleitores, estará presente nos comícios de Lula e já começa a conciliar sua agenda com os próximos comícios da Frente Brasil Popular.

Racha As brigas internas no antigo PCB (sigla para o nome Partido Comunista do Brasil) começaram em 1956, depois do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, do qual participavam representantes dos partidos comunistas do mundo todo. Nesta época, os brasileiros dividiram-se quanto a oposição do secretário do PC russo, Nikita Krushev, ao governo de Stalin. As brigas se intensificaram entre o grupo de Amazonas que condenava as propostas de mudança e o de Prestes, que apoiava as idéias de Krushev. O ápice das divergências ocorreu em 1962, quando o grupo de João Amazonas definiu-se contra o "partido prestista" e organizou o Partido Comunista do Brasil. Na versão de Amazonas, foi Prestes quem fundou outro partido, pois "o verdadeiro partido comunista é o fundado em 1922, do qual faço parte desde 1935".

Durante a última eleição para presidente, em 1960, o partido, já rachado, ainda esteve unido em prol da candidatura do Marechal Henrique Teixeira Lott. Desde então, esta é a primeira vez que os três mais importantes grupos comunistas no Brasil apóiam o mesmo candidato. Em eleições para governador e prefeito, o PCB e o PC do B participaram de algumas coligações, sem o apoio de Prestes, como aconteceu na eleição do governador Moreira Franco, em 1986, e da prefeita de São Paulo, Luísa Erundina, em 1988. "Na eleição de Moreira, cada um trabalhou de seu lado, tínhamos objetivos diferentes", ressalva Amazonas.

Para o PCB, Amazonas apenas ataca a União Soviética e a abertura ocorrida nos países socialistas. O PC do B acusa o PCB de ter abandonado o caminho revolucionário do Comunismo. Prestes ataca os dois, a quem considera "partidinhos que não têm votos". Contudo, estas acusações serão deixadas de lado, pelo menos até o dia 17 de dezembro, quando os eleitores escolherão entre Collor e Lula.